

Fugitividades Transatlânticas: experiências e práticas culturais afro-diaspóricas no Dancehall jamaicano

Palavras-Chave: Diáspora Negra; Dancehall; Jamaica

Alexander Lucas Pereira, IFCH – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). Christiano Key Tambascia, IFCH – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A partir desta pesquisa, pretendeu-se refletir acerca das experiências vividas por sujeitos negros nas Américas, aqui em específico na Jamaica. Isso por meio da análise do *Dancehall* jamaicano, enquanto produção de mundos e de práticas culturais da Diáspora Negra. Ou seja, abordo o *Dancehall* como ferramenta produzida por pessoas racializadas para se reposicionarem e se (auto)conceberem em meio aos processos de perda de si atrelados aos efeitos da racialização, do racismo e do colonialismo e, portanto, indissociáveis dos movimentos de diásporas forçadas pela escravidão negro-africana. De modo a entender e apresentar o *Dancehall* como experiência e prática de fugitividade afro-diaspórica, que objetiva a construção de formas outras de habitar o mundo para além dos moldes colocados pela branquitude, em um movimento e espaço de fuga (resistência) e refúgio, e sentimento de pertencimento e sentido. Para tanto, lanço mão da análise de materiais bibliográficos e audiovisuais, como documentários, letras de músicas e conteúdos em redes sociais. Logo, o foco foi compreender o *Dancehall* em termos sociais e históricos, levando em consideração a importância de conhecer o contexto em que uma cultura, uma arte, está inserida, me amparando por leituras pertinentes à Diáspora Negra e suas expressões culturais. Enquanto expressão cultural afro-diaspórica, o *Dancehall* possui caráter transnacional e transcultural tendo-se no horizonte, nesse sentido, realizar um levantamento, registro e análise das inflexões mais contemporâneas do Dancehall na cena brasileira, de maneira a observar e apreender as dinâmicas de um circuito de trocas e consumos culturais (Gilroy, 2012). A cena brasileira conta não só com aulas regulares de dança e workshops de *Dancehall*, mas com a realização entre 2016-2019 do “Congresso do *Dancehall*”, encontros anuais com aulas, palestras e disseminação da cultura, além do surgimento de *crews* (grupos/coletivos) como em Campinas e São Paulo. Almejou-se observar e entender como, em um contexto afro-diaspórico, essa cultura jamaicana se edificou em uma ferramenta de produção de mundo e de fuga - em um movimento de contracultura -, que possibilita pessoas racializadas a se

entenderem e (re)existir, transgredindo e os moldes racistas e colonialistas impostos pela branquitude, por intermédio da materialização de um estilo de vida a partir da arte .

METODOLOGIA:

O presente projeto foi executado em três etapas:

- Etapa 1: Processo de levantamento e revisão bibliográfica sobre o Dancehall e as práticas artísticas e musicais afro-diaspóricas. Voltando os olhares para referências no campo dos estudos culturais e de Diáspora Negra, como Paul Gilroy e Stuart Hall, além de produções com teor sócio-histórico e cultural acerca do *Dancehall* dentro e fora da Jamaica, como Carolyn Cooper e a brasileira Fran Quaresma. Além de recorrer a letras de músicas, conteúdos em redes sociais e produções audiovisuais, e suas análises para subsidiar no entendimento sobre essa respectiva expressão da Diáspora Negra;
- Etapa 2: Eleger algum grupo, pessoa ou trajetória associados ao *Dancehall* como caso de análise, como, por exemplo, a trajetória da artista Tanya Stephens e o contexto vivenciado por grupos LGBTQs, a exemplo das artistas transgênero jamaicanas, Gully Queens. Isso, como um modo de compreender e apreender dentro do *Dancehall* não apenas as dinâmicas sociais no que tange a raça, mas também gênero e sexualidade;
- Etapa 3: Elencar e apresentar desdobramentos e influências do *Dancehall* no Brasil, a partir de grupos, atores e contextos nacionais, como os grupos Simple Unit Team e o Slackness Crew, de Campinas-SP, e a trajetória do projeto Academia do Dancehall, de São Paulo. Isso, como um movimento de conceber como se deu as inflexões, circulação, entendimento e práxis da cultura do *Dancehall* no Brasil, tendo em vista as perspectivas de Gilroy em relação à 'navegação' de ideias, sentimentos de pertencimento e lutas no processo transatlântico

Discussão e considerações finais:

Ao longo da etapa de levantamento e revisão bibliográfica sobre o Dancehall e a Diáspora Negra, recorri à plataforma Google Acadêmico para realizar a busca, na qual obtive um retorno de 268 resultados utilizando os vetores de busca Dancehall AND Jamaica. De forma manual, realizei a leitura dos resumos dos artigos, selecionando, por fim, quinze deles que apresentaram maior pertinência para a pesquisa.

Os artigos selecionados oferecem grandes contribuições para pensarmos o Dancehall e tópicos que atravessam essa prática. Pois, tendo em vista que a Jamaica apresenta uma sociedade com estrutura complexa em termos de raça e classe, o Dancehall “cumpr[e] frequentemente o papel de

fronteira entre a classe pobre e trabalhadora e a classe média jamaicanas.” (Henriques, 2020, p. 51). Isso em um contexto de tensões que também envolvem gênero, ao observar a luta das mulheres jamaicanas pela liberdade, reconhecimento e valorização dentro da comunidade do Dancehall - conforme é debatido por Diana Duarte (2021), quando busca discutir a ideia de libertação sexual associada à vertente feminina do Dancehall: o Female Dancehall. De modo geral, esses e os demais artigos selecionados proporcionam apreender o Dancehall como uma ação de reconfiguração da forma de produzir e usar arte com o mundo cotidiano e projetos políticos, sobretudo no que diz respeito à emancipação racial - entendendo, nesse contexto, “o foco contemporâneo do Dancehall nos guetos como espaços geradores de negritude” (Modest; Jaffe, 2023, p 218). .

Para além dos materiais coletados por meio de consulta a acervos bibliográficos, também estive em contato com referenciais teóricos indicados por outros pesquisadores do tema. A partir de diálogos com a pesquisadora Lívia Nara, estudante de graduação em Dança (Unicamp), entrei em contato com sua pesquisa intitulada “Wine, Punanny: o quadril no Female Dancehall”. Nesse projeto, Nara buscou desfazer estereótipos atribuídos aos movimentos femininos no *Dancehall*, muitas vezes reduzidos à mera obscenidade¹. De maneira a lançar luz sobre certas características percebidas como intrínsecas ao Dancehall (aqui em específico o Female Dancehall) como, por exemplo, a celebração do corpo da mulher negra e da feminilidade (como práticas de consciência corporal e política), o trabalho de Nara oferece grandes contribuições para refletir acerca da relação entre corporeidade, ancestralidade, identidade negra e questões de gênero e sexualidade.

Outro encontro agregador foi com a pesquisadora Fabiana Rodrigues da Silva, artisticamente conhecida como Fabi Silva. Ela é mestranda em Humanidades, direitos e outras legitimidades, na Universidade de São Paulo (USP), onde desenvolve o projeto “Corpografias negras: culturas periféricas transatlânticas como narrativas de epistemologias de (re)existências”. Conheci e estive em diálogo com Fabi no evento *Pon di Spot*², em Campinas-SP, o qual é totalmente voltado à cultura Dancehall e que ela era uma das palestrantes. Uma das principais referências indicadas por ela foi o livro “Da Diáspora: identidades e mediações culturais”, do teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall. O autor jamaicano nos possibilita refletir acerca da cultura caribenha como um objeto híbrido. Isso alinhado ao conceito de ‘estética diaspórica’ de Kobena Mercer, Hall aponta que nesses cenários existe uma dinâmica sincrética, na qual elementos e códigos da cultura dominante (branca) são criticamente apropriados e ‘crioulizados’ em um movimento de desarticulação e rearticulação de subverter as narrativas coloniais europeias. Contudo, esse hibridismo não extingue as relações existentes na sociedade, ela segue sendo espaço complexo de lutas..

¹ Female Dancehall é uma vertente inventada e exclusivamente praticada por mulheres, baseada em movimentações com o quadril (Nara, 2023). Enquanto homens têm uma modalidade específica chamada Bad Man Style, tendo como fundamento movimentos de Gun Moves, com a utilização do símbolo de armas com as mãos (Quaresma, 2022)

² Grande evento nacional totalmente voltado à cultura Dancehall, que ocorre em Campinas desde 2019, e conta com aulas práticas, palestras, batalhas e festas

Por fim, outros diálogos fundamentais para os avanços na pesquisa e o enriquecimento dos referenciais teóricos se deram nos encontros com os orientadores e outros colegas orientandos. Nesses encontros, tive a oportunidade de apresentar a respectiva pesquisa e receber indicações e considerações dos presentes. Em uma dessas reuniões coletivas, expus um impasse teórico-metodológico que estava enfrentando no sentido de definir para qual aspecto tomaria como ponto de partida de análise, fosse ele classe, gênero ou sexualidade - entendo que a questão da raça é fator onipresente e incontornável. Nesse contexto, ao longo do diálogo definimos tomar a corporeidade, o corpo, enquanto aspecto crucial para avanço da pesquisa. O livro “Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela”, de Leda Martins, foi indicado enquanto fundamental para embasar a reflexão e noção de corpo e historicidade, em uma perspectiva negra não-ocidental, buscando, assim, analisar quais movimentos esses corpos fazem e porquê fazem. Buscou-se, deste modo, pensar de maneira mais cuidadosa as formas de comunicações não-verbais que se realizam por meio do corpo, bem como examinar como tais corpos e mentes se expressam e praticam uma ‘fugitividade’ ou um movimento de “deslocalização” com relação aos “esquemas histórico-raciais” que buscam capturar seus corpos (Díaz-Benítez, Rangel, 2022).

Por fim, este movimento de fugitividade afro-diaspórica foi captado por intermédio de múltiplas experiências de artistas que vivenciaram e/ou vivenciam esta expressão cultural jamaicana. Tendo como destaque a trajetória da cantora Tanya Stephens, cantora da era *Old school* - final do século XX - e que marcou a história do Dancehall indo na contramão de outros cantores da época, sobretudo homens, ao criticar a abordagem de tópicos como dinheiro, drogas e mulheres ao invés de conteúdos da ‘realidade’ e com maior responsabilidade social, abordando questões sociais relevantes.

BIBLIOGRAFIA

AHMED, Sara. **A phenomenology of whiteness**, *Feminist Theories*, vol. 8, n. 2, 2007, pp. 149-168.

AHMED, Sara. **Racialized Bodies**. In: EVANS, Mary & LEE, Ellie (Eds.). *Real bodies: a sociological introduction*. London, Palgrave, 2002, pp.46-63.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; RANGEL, Everton. “**Evocações da escravidão. Sobre sujeição e fuga em experiências negras**”, *Horizontes Antropológicos*, ano 28, n. 63, maio/ago. 2022, pp. 40-69

DUARTE, Diana Cristina Reis. **Naany never go ah war fi me sidung inna 2020 slavery**: contributo para uma definição do papel da mulher no dancehall. ESMAE, 2021. Disponível em: [http://hdl.handle.net/10400.22/17588]

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GEERTZ, Clifford James. “**A arte como um sistema cultural**”. In: “O Saber Local: novos ensaios em Antropologia Interpretativa”, 142-181, Editora Vozes. 2006

HENRIQUES, Julian. **A Dominância Sônica e a Festa de Sound System do Reggae**. In: Dossiê A música e suas determinações materiais. Revista EcoPós. SSN 2175-8689 – v. 23, n. 1, p 44-80, 2020.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade de dupla consciência**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos**. São Paulo, Fósforo, 2022.

HARTMAN, Saidiya. **The Belly of the World: a note on black womens's labors**. In: Afro-pessimism: an introduction. Racked & Dispatched, 2017, pp. 80-90.

KONDZILLA. The Beat Diaspora - Episódio 04 - Dancehall. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=kH-UpldMSKA&t=226s]

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, Rio de Janeiro. 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo, n-1 edições, 2018.

MODEST, W. .; JAFFE, R. . **Novas raízes: ontologias jamaicanas da negritude, da África ao gueto**. Laje, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 196–227, 2023. DOI: 10.9771/lj.v2i0.55960. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/laje/article/view/55960>

NARA, Livia Viana Mendes. **Wine, Punanny: o quadril no Female Dancehall**. Relatório Final, 2023

QUARESMA, Fran. **Dancehall: História, Cultura, Música, Dança**. 2022

SPILLERS, Hortense. “**Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense**”. In: BARZAGHI, Clara; PATERNIANI, Stella Z.; ARIAS, André (orgs.). Pensamento negro radical: antologia de ensaios. São Paulo, Crocodilo/n-1 edições, 2021, pp. 29-70.